

# *Lazer e Formação Profissional na Sociedade Atual: Repensando os Limites, os Horizontes e os Desafios para a Área*

Christianne Luce Gomes Werneck<sup>1</sup>

**RESUMO:** *Análise sobre a formação profissional no lazer, assumindo como ponto de partida a discussão sobre o papel desse fenômeno na sociedade atual, amplamente valorizado nos dias de hoje. Entretanto, essa importância do lazer é vinculada, sobretudo, à sua descoberta como a essência de um fecundo e promissor mercado, capaz de gerar retornos expressivos para aqueles que detém as regras desse jogo social e político praticado em nosso contexto. Nesse sentido, a própria formação profissional no lazer é concebida como uma possibilidade de ascensão social e financeira, situação que reforça ainda mais a visão alienada desse fenômeno, enquanto um simples produto mercantilizado em nossa sociedade de consumo. Assim, os cursos e oficinas de atualização/reciclagem no lazer, geralmente, abrangem apenas os aspectos técnico-metodológicos da área, enfatizando o consumo a-crítico de atividades recreativas baseadas em modelos "tradicionais", que acabam por reforçar a dicotomia entre a teoria e a prática pedagógicas. Para mudar esse quadro, é fundamental buscar uma formação interdisciplinar no lazer com responsabilidade e autonomia, fazendo desse processo uma verdadeira "bricolage", desafio maior para a reconstrução lúdica dos papéis sociais dos sujeitos no interior da formação profissional aqui almejada.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Lazer, formação profissional, "bricolage"*

---

<sup>1</sup> Professora coordenadora do Centro de Estudos de Lazer e Recreação - CELAR - da Escola de Educação Física da UFMG; Mestre em Educação Física e Especialista em Lazer, ambos pela UFMG.

A temática da formação profissional vem ocupando um espaço cada vez maior no cenário educacional, seja no Brasil ou em outros Países do mundo. As pesquisas e publicações sobre o tema demonstram a necessidade de conhecer melhor os diferentes aspectos que o envolvem, tendo em vista articular propostas para as demandas que este final de século impõem ao profissional do lazer.

Assim, eu gostaria de começar esta reflexão repensando o papel do lazer em nossa moderna sociedade, o que considero fundamental para uma análise mais aprofundada sobre os limites e os horizontes da formação profissional nessa área em nossa realidade sociocultural histórica, tendo em vista ressaltar os desafios que vêm impulsionando as experiências do Centro de Estudos de Lazer e Recreação da Escola de Educação Física da UFMG, no que se refere à formação de profissionais para atuarem no lazer<sup>2</sup>.

### **O papel do lazer na sociedade atual**

É importante destacar que, ao lado da educação, da saúde, do trabalho social e da informação, dentre outras possibilidades de assistência às pessoas, o lazer integra hoje o movimento global de “terceirização” presente nas sociedades modernas, alcançada por meio do aumento contínuo e significativo da força de trabalho relacionada aos serviços.

Nos últimos anos vem se multiplicando, se diversificando e se sofisticando a oferta de bens e de serviços no setor terciário, provocando mudanças no estilo de vida das pessoas e redimensionando o papel do lazer na sociedade atual. Os investimentos substanciais na chamada “indústria do lazer e entretenimento”, assim como a busca de qualificação profissional nessa área devem-se, em grande parte, às novas demandas que caracterizam hoje a nossa realidade.

---

2 Dentre os empreendimentos do CELAR voltados para a formação profissional nessa área, podemos destacar, dentre outros, a realização de estudos interdisciplinares que procuram envolver acadêmicos, profissionais e pesquisadores de diferentes áreas, preocupados com o avançar do conhecimento teórico-prático sobre a recreação e o lazer; a elaboração/realização/avaliação coletiva de projetos de ensino, de pesquisa e de extensão; a oferta regular de disciplinas obrigatórias (desde 1965) e optativas (desde 1991) ao Curso de Graduação em Educação Física/UFMG, bem como a oferta do Curso de Especialização em Lazer (Pós-graduação lato sensu), oferecido regularmente desde 1993, e atualmente em sua terceira versão. A partir do ano de 1999, teremos também a participação de docentes do CELAR no Curso de Turismo/UFMG, por meio da oferta regular de pelo menos uma disciplina optativa por semestre para os acadêmicos deste Curso. Podemos destacar, ainda, a promoção de eventos e a realização de Cursos de extensão sobre o lazer em nosso contexto.

De acordo com as reflexões do sociólogo da Educação Phillipe PERRENOUD (1997), as mudanças no estilo de vida verificadas em nosso contexto atendem mais às necessidades dos próprios profissionais do que aos seus utilizadores. Devido às estratégias do *marketing* de mercado, são criadas necessidades de consumo e impostos novos padrões de vida, os quais atingem profundamente as dimensões do trabalho e do lazer em nossa sociedade.

Embora muitas pessoas afirmem que em nosso contexto atual o tempo destinado ao lazer tenha aumentado consideravelmente na vida das pessoas, em consequência da redução da jornada de trabalho – muitas vezes como suposto recurso para solucionar a condição crônica de desemprego constatada em todo o mundo – o que se verifica, com freqüência, é a busca incessante por novas possibilidades de ampliação das fontes financeiras, que objetivam o atendimento das necessidades básicas de sobrevivência da maioria das pessoas, ou mesmo a “elevação do padrão de vida” por meio da conquista de “sonhos de consumo”, traduzidos na oferta de bens e de serviços, dentre os quais o lazer, hoje amplamente divulgado pela mídia como forma de alcançar realização, prazer, diversão e felicidade.

Na visão predominante em nossa sociedade, o lazer é entendido como um tempo “livre” oposto às obrigações de diversas naturezas (principalmente do trabalho produtivo), é alvo de valores preconceituosos e utilizado com meio alienante de compensar frustrações e de mascarar as contradições sociais, políticas e econômicas que permeiam a vida como um todo, como indicam as reflexões de MARCELLINO (1987).

Apesar de não se restringir a um conceito acabado, considero fundamental delinear os significados do lazer, fenômeno que está em contínuo processo de reconstrução de sentido em nossa realidade sociocultural histórica. Nesse âmbito, enquanto prática social dialeticamente vinculada ao trabalho, o lazer é por mim concebido como uma possibilidade de produção de cultura, um espaço para a vivência lúdica de diferentes conteúdos que pode propiciar a leitura crítica e criativa de nosso contexto, estimulando-nos a lutar pela conquista de autonomia e pela garantia de um viver digno, ultrapassando as barreiras dos discursos ideológicos opressores e injustos verificados em nosso meio. Baseada na esperança de revestir o lazer da dimensão educativa, fundamental à trajetória do ser humano rumo à emancipação, é que procuro analisar alguns aspectos que interferem na formação profissional na área, tendo em vista a compreensão e a transformação da nossa dinâmica sociocultural, tornando-a mais justa e mais humanizada.

Face à realidade com a qual nos deparamos atualmente, as reflexões/ações sobre a formação profissional no lazer nos colocam numa encruzilhada: enquanto para alguns as mudanças culturais provocadas no estilo de vida apresentam maiores chances para a vivência do lazer, para outros esse conteúdo é, de certa forma, limitado e ofuscado por um desejo interminável por trabalho devido, principalmente, à sua condição social na vida moderna, onde não há oportunidades dignas e nem emprego para todos. Se o acesso ao trabalho e à educação em nosso meio ainda se encontra demasiadamente restrito, o acesso ao lazer desenvolvido numa perspectiva crítica e criativa fica muito mais limitado ainda, principalmente por ser considerado como algo ainda supérfluo e dispensável para muitas pessoas que não têm como obter nem mesmo patamares mínimos de dignidade, na incansável luta pela própria sobrevivência.

Nesse sentido, ao repensar a mudança do papel social do lazer em nosso contexto, não podemos ficar indiferentes a essas antigas contradições, ainda hoje muito vivas em nossa sociedade. Num contexto caracterizado pelo desemprego, pela injusta distribuição de renda, pelo analfabetismo, pela exploração da mão de obra infantil, pela pobreza, pela fome e pela miséria da maioria, fica difícil denunciar a alienação gerada pelo trabalho estruturado sob os pilares da ideologia capitalista, alienação também reforçada no lazer, se este for considerado como simples diversão e entretenimento, como fuga dos problemas e como um meio de compensar as frustrações vividas cotidianamente.

Paralelo ao agravamento desses e outros problemas sociais, o lazer vem ganhando importância cada vez maior na vida moderna. Essa importância vincula-se, sobretudo, à descoberta desse fenômeno como a essência de um fecundo e promissor mercado, capaz de gerar lucros significativos para aqueles que detém as regras desse jogo de poder social e político praticado em nosso contexto. O lazer ocupa hoje a pauta dos projetos de investidores, seja no setor privado, por parte dos governos ou mesmo dos fundos de pensão. Em todo o mundo, portanto, a área de lazer e entretenimento vem atraindo investimentos consideráveis, multiplicando o seu público e abrindo novos horizontes de desenvolvimento para o setor, como é o caso da indústria de viagens e turismo, que representa, atualmente, um dos ramos que mais cresce no mundo. Para concretizar esse projeto, as famosas "indústrias de lazer e entretenimento" utilizam todas as artimanhas possíveis para destacar o valor do lazer – como prazer e diversão ao alcance

de “todos” – e transformá-lo em uma mercadoria que goza de um altíssimo valor e troca<sup>3</sup>.

A consolidação do lazer como um produto que impulsiona uma promissora indústria, capaz de gerar altas taxas de retorno, pode ser verificada por meio dos investimentos maciços que vêm sendo colocados nesse mercado nos últimos anos. Segundo as estatísticas dos investidores, apenas 20% do potencial de mercado é explorado atualmente no Brasil e, mesmo com os parques dados até então disponíveis, há indicações do magnífico pólo mercadológico que representa a “indústria de lazer e entretenimento” em nosso País, gerando uma profunda reflexão sobre o *papel do lazer no conjunto de gastos do brasileiro* nos próximos anos.

A ideologia veiculada pela mídia reforça a idéia de que, após várias décadas voltadas exclusivamente para o trabalho e para a escalada profissional, as pessoas estão concluindo que “viver bem” – ou seja, usufruir do lazer enquanto um produto que é comercializado na forma de *shopping centers*, parques temáticos, casinos, hotéis-fazenda, *resorts*, *spas*, pacotes turísticos e outras tantas atrações – alcança mais do que uma busca obsessiva pelo sucesso profissional. Isso é concretizado por meio da redescoberta do “valor” dos conteúdos que compõem o universo cultural do lazer para pessoas de diferentes faixas etárias e grupos sociais. Essas pessoas buscam, cada vez mais, novas opções de prazer e de diversão para todos os membros de sua família, os quais consomem volumes crescentes de bens e de serviços de lazer, exigindo uma variedade de opções cada vez maior.

Uma sociedade dominada pela lógica da produção e do consumo (alienado) de bens e de serviços é, precisamente, uma sociedade que se apresenta como a única habilitada a produzir o lazer, enquanto uma de suas valiosas mercadorias – ao passo que deveria representar uma condição fundamental para a promoção da qualidade de vida dos sujeitos, enquanto cidadãos que buscam momentos lúdicos, críticos e criativos no seu dia a dia.

---

3 Segundo uma reportagem publicada na Revista ABRAPP, que trata dos investimentos em megaprojetos de turismo e lazer, o magnífico potencial dessa área ainda é pouco explorado no Brasil, apesar de apresentar características satisfatórias para a instalação de equipamentos de entretenimento, tais como a sua privilegiada fonte de belezas naturais. Há uma grande demanda (principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo) que não está sendo atendida, devido à estagnação do setor nos últimos anos. Se a tendência realmente se confirmar, os fundos de pensão dispensarão uma atenção cada vez maior aos negócios de turismo e lazer, conciliando-a com a função de atender os compromissos com os seus assistidos, propiciar o desenvolvimento da economia e, conseqüentemente, elevar o nível de emprego no País. (Turismo decola para vãos mais altos. *Revista ABRAPP*, n. 233, p. 4-14, março/abril 1997).

Com isso, o lazer se transforma em mais um rentável produto da sociedade de consumo, que tem como objetivos primeiros o entretenimento e a distração alienados, algo para se matar o tempo e para escapar do tédio... Não há preocupação com uma análise mais consistente sobre o seu significado sociocultural e político na vida das pessoas, bem como sobre as contradições que o permeiam em nosso contexto.

Não podemos negar que a demanda pela formação profissional no lazer sofre influências dessa situação, pois muitos são atraídos pelas possibilidades lucrativas que essa área, em pleno processo de expansão na sociedade de hoje, pode proporcionar. Nesse âmbito, a capacitação no lazer se transforma em um meio de troca para a obtenção de prestígio e poder e, como nos diz POPKEWITZ (1992), essas vantagens sociais visam, em princípio, a busca da rentabilidade econômica. Com isso, muitas vezes é ignorada a importância do lazer enquanto um passo fundamental para a busca de qualidade na vida dos sujeitos e de alternativas para o enfrentamento dos limites socioculturais históricos de nossa realidade.

Considerando o projeto ideológico de comercialização do lazer aqui salientado, que limites cerceiam a formação profissional na área?

## **Limites da formação profissional no lazer**

Dado que a própria formação profissional no lazer pode ser encarada atualmente como uma possibilidade de ascensão social e financeira, muitas das oportunidades de capacitação na área são comercializadas no sentido de reforçar ainda mais a visão alienada do lazer, enquanto um simples produto da nossa sociedade de consumo.

Visando o atendimento desse objetivo, os cursos e oficinas de treinamento, atualização e reciclagem no lazer, amplamente divulgados e oferecidos esporadicamente por diferentes instituições em nosso País, geralmente, abrangem apenas os aspectos técnico-metodológicos dessa área, enfatizando o consumo a-crítico de atividades recreativas. Muitos desses cursos são ministrados por Professores de Educação Física e, apesar do lazer ser uma área interdisciplinar que possibilita o envolvimento de profissionais com diferentes competências e visões de mundo, freqüentemente os tópicos desenvolvidos se resumem à vivência dos jogos e brincadeiras tradicionais de recreação e lazer.

Isso é fruto do próprio processo histórico de identificação que as atividades físicas/recreativas ganharam no Brasil. No contexto da introdução da recreação, nas primeiras décadas deste nosso século, foram amplamente privilegiadas as atividades físicas como recuperadoras da força de trabalho do operariado, e também como um componente da manutenção do estado de saúde – base para um País que pretendia se “modernizar” (MELO & FONSECA, 1997).

Apesar de não se limitar ao aspecto físico-esportivo, eu gostaria de destacar a contribuição da Educação Física no que diz respeito não somente à formação (nos níveis de Graduação e de Pós-Graduação) de profissionais para atuarem no lazer, mas também à preocupação dos professores de Educação Física em realizar estudos, promover cursos e eventos que possam gerar um avanço no entendimento desse fenômeno em nosso meio, enquanto uma área de intervenção interdisciplinar que possibilita a formação profissional em várias perspectivas.

A interdisciplinaridade diz respeito à inter-relação de fundamentos de diferentes disciplinas, ampliando a leitura da multiplicidade de aspectos conjunturais no prisma da totalidade concreta que constitui. Busca superar a desarticulação entre as disciplinas e a fragmentação do saber, enfocando determinado aspecto do conhecimento específico, sem perder a visão do todo no qual este se insere.

Analisando a proposta pedagógica dos “cursos técnicos de recreação e lazer”, nem sempre acessíveis a todos os interessados, devido ao seu alto valor mercadológico em nossa moderna sociedade, percebemos que ela se baseia, muitas vezes, em modelos tecnocráticos tradicionais, que objetivam reproduzir pacotes de conteúdos e padronizar metodologias recreativas a ser desenvolvidos em escolas, clubes, condomínios, órgãos e setores públicos de esporte e lazer, empresas privadas, parques, igrejas, asilos, associações comunitárias, hotéis e outras instituições, sem a preocupação com uma abordagem mais aprofundada dos tópicos abordados. Centrando-se no fazer da atividade, os participantes são concebidos como meros executores, e a recreação se torna um meio valioso para a educação desses sujeitos, segundo valores de harmonia, rendimento, equilíbrio e controle da alegria, valores indispensáveis à manutenção da ordem social vigente (PINTO, 1995).

De acordo com essa maneira tradicional de formar, os graves e complexos problemas educacionais, socioculturais e políticos que se manifestam são reduzidos à condição meramente técnica, cabendo aos chamados “especialistas” equacioná-los e definirem a melhor forma de solucioná-los. Os “técnicos de

recreação e lazer” aparecem como aqueles que entendem do assunto, detêm o conhecimento objetivo, neutro e rigoroso do processo como um todo. Isso é, segundo SAVIANI (1996), próprio da racionalidade capitalista que, em nome da eficiência na execução das tarefas e de maior racionalização do trabalho, fragmenta o seu processo, separando de um lado os que sabem, planejam e decidem, e de outro os que fazem, executam.

Um outro problema que fortemente integra a problemática da formação profissional como um todo é a questão da relação entre teoria e prática, presente ao longo da história do pensamento humano ocidental. Para CANDAU & LELIS (1993), essa problemática é particularmente aguda nos campos que incidem mais diretamente sobre a prática social, tais como Serviço Social, Direito, Pedagogia, Medicina, Educação Física e Lazer, dentre outros. A relação teoria-prática constitui, no entanto, uma das questões básicas da formação do educador e um dos pontos centrais de reflexão na busca de alternativas para a formação profissional, pois, no seio dessa relação são manifestos os problemas e as contradições da sociedade capitalista em que vivemos, que privilegia a oposição entre os trabalhos intelectual e manual e, em consequência, a teoria e a prática.

A teoria é crucial à medida que se enraíza nas experiências de vida, nas questões e nas práticas reais, e precisa analisar as questões e eventos que conferem significados à nossa vida cotidiana. Contudo, ao levar em consideração essa prática, não estamos privilegiando o pragmático em oposição à teoria, mas vendo a ação cotidiana inspirar-se em considerações teóricas reflexivas e, ao mesmo tempo, transformar a teoria. Nas palavras de GIROUX (1995, p.97), “a teoria tem que ser feita, tem que se tornar uma forma de produção cultural”.

Paradoxalmente, considerando a proposta pedagógica dos cursos tradicionais de recreação e lazer, o que vem predominando é um processo de reprodução cultural, baseado na “prática pela simples prática”. Entretanto, a grande ênfase nos métodos e nas técnicas reproduzidos não é de modo algum ingênua, não decorre de um conhecimento supostamente objetivo, neutro e desinteressado, não é puramente “prático” e muito menos racional. Pelo contrário, é uma forma sutil de escamotear as relações concretamente existentes entre trabalho, lazer, educação e poder (COELHO, 1982).

Quando a formação no lazer é fundamentada nessa perspectiva, por meio do consumo puramente técnico de um rol de “práticas recreativas”, da ênfase no conhecimento de um número determinado de jogos e brincadeiras, bem como da compra alienada de bens/serviços de lazer, são feridos os princípios



de autonomia dos sujeitos e fica limitado o potencial teórico-prático lúdico, crítico, criativo e interdisciplinar que pode ser vivenciado nessas experiências.

É importante ressaltar que a demanda por esse tipo de proposta, geralmente concretizada em cursos de reduzida carga horária que podem ser realizados por qualquer pessoa – mesmo por aqueles que nem pretendem iniciar uma caminhada rumo à formação profissional universitária – é ainda muito maior do que a procura por disciplinas e cursos oferecidos por Programas de Graduação e de Pós-Graduação direcionados para a busca da fundamentação teórico-prática no lazer<sup>4</sup>. A expectativa cristalizada socialmente, no que concerne a um processo de formação profissional no lazer, é aquela construída por meio do modelo empirista. Não raro percebemos a decepção das pessoas ao se deparar com propostas mais críticas e desvinculadas dos ditames tradicionais, onde brincar é importante sim, é fundamental, desde que seja atrelado à reflexão sobre o sentido das ações realizadas coletivamente, tendo em vista a reestruturação da nossa realidade, no sentido da emancipação. Isso nos remete à necessidade de atrelar os princípios críticos/criativos à própria ação, num exercício dialético de desconstrução/reconstrução, pleno de êxitos e de fracassos nesse percurso em busca do avanço teórico-prático.

Essas questões que incidem sobre a relação teoria-prática permearam meus diálogos com um docente de um curso de Graduação em Turismo, que é também aluno do III Curso de Especialização em Lazer/UFGM<sup>5</sup>. Segundo as suas reflexões, antes de buscar uma qualificação mais consistente no lazer, esse profissional se considerava um “prático” que desenvolvia com maestria atividades recreativas em escolas, clubes, acampamentos e hotéis. O que mais

---

<sup>4</sup> Com essa observação, não quero dizer que discordo das iniciativas comunitárias que desejam desenvolver o lazer na realidade em que vivem, mesmo que os seus integrantes não possuam uma formação acadêmica e sistematizada para atuar nessa área. Afinal, as lideranças comunitárias conhecem de perto e mais profundamente a realidade em que vivem, assim como os interesses e anseios de seus membros, o que pode contribuir significativamente para o desenvolvimento do lazer num dado contexto social. Contudo, lembro que, para acabar com as propostas paternalistas, é fundamental realizar parcerias que possam envolver instituições preocupadas com o desenvolvimento de projetos sociais, profissionais com formação crítica/criativa na área do lazer, assim como os componentes da própria comunidade. Essa parceria pode propiciar o desenvolvimento de uma ação mais lúdica, lúcida e coerente com a realidade vivida pelos sujeitos, por meio da vivência do lazer na perspectiva da auto-gestão, capaz de contribuir com a formação de outros sujeitos da própria comunidade que possam dar continuidade às propostas por eles construídas.

<sup>5</sup> Esse Curso de Pós-graduação lato sensu é oferecido regularmente na Escola de Educação Física da UFGM desde 1993, e desenvolvido em módulos compactos nos meses de julho e dezembro ao longo de dois anos consecutivos, totalizando 375 horas/aula. Atualmente, encontra-se em andamento a terceira versão desse Curso (1997/1998), que será concluída em dezembro do corrente ano.

chamava a sua atenção era a alegria e o prazer estampados na face das pessoas ao final de cada “prática” desenvolvida com harmonia, sem conflitos e contradições.

Contudo, à medida que seus conhecimentos no lazer foram sendo ampliados, mudou também a sua maneira de lidar com os conteúdos culturais desenvolvidos, sobretudo pela compreensão de que por trás de toda prática há sempre uma teoria que a fundamenta, mesmo quando esta parece ser “neutra” ou inexistente, ou seja, quando seus princípios ideológicos se encontram dissimulados. As questões mais profundas que permeiam o lazer, enquanto uma possibilidade de vivência crítica e criativa indispensável à qualidade de vida dos sujeitos e à construção de uma nova sociedade mais justa e humanizada, passaram a integrar a sua *práxis*, constituída por aspectos políticos, sociais, históricos, econômicos e culturais, dentre outros. Entretanto, esse mesmo profissional enuncia uma preocupação, dizendo que hoje não consegue ver o mesmo brilho, a mesma alegria e a mesma espontaneidade saboreados anteriormente pelos sujeitos, na “simples prática recreativa” – alienada em seus princípios –, quando a preocupação com o potencial revolucionário do lazer não fazia parte do seu cotidiano.

Precisamos aprender a lidar com essas questões desde os nossos primeiros passos rumo à formação profissional, pois, como disse ao meu colega naquela ocasião, prefiro a lucidez, mesmo cruel, do que atividades de lazer alienantes. Afinal, como enfatiza CERTEAU (1995, p.28), “a ilusão não levará à veracidade”, e em nada poderá contribuir com a busca de uma sociedade mais digna para todos. Por isso, é preciso repensar a ênfase na regulamentação, na certificação e na padronização do comportamento verificadas em algumas propostas de lazer, as quais limitam a criação de condições para o exercício dos sensíveis papéis políticos e éticos que os profissionais em formação precisam assumir, em busca de uma cidadania responsável e crítica.

Assim sendo, é fundamental que a formação profissional no lazer busque superar esses limites e possibilite a aquisição de diferentes competências, pois as sociedades modernas exigem práticas de ensino que valorizem o pensamento crítico, a flexibilidade e a capacidade de questionar padrões sociais, ou seja, requisitos culturais que têm implicações não somente na autonomia, mas também na responsabilidade dos sujeitos (POPKEWITZ, 1992).

Trata-se, portanto, de tentar buscar alternativas que tentem romper com a perspectiva puramente técnica de formação, perspectiva essa que apresenta fórmulas e soluções desenvolvidas fora do contexto dos sujeitos, desconectadas de sua experiência social e voltadas para a reprodução cultural, ao invés do permanente processo de construção e reconstrução dos conhecimentos.

Esse quadro delinea para a formação profissional no lazer muitos desafios, e traz à tona a necessidade de repensá-la não como uma forma de reforçar as contradições vividas no cotidiano. Assim, como nos diz Rubem ALVES (1987), é importante encontrar novas arestas lúdicas, críticas e criativas para enfrentar esses limites, pré-condição da integridade humana e do renascimento social, base dos horizontes da formação profissional no lazer aqui almejada.

## **Horizontes da formação profissional no lazer**

Visando contribuir com o repensar desses limites, bem como destacar a necessidade de estimular o avanço qualitativo do saber construído na área do lazer, ressalto que o ato de formar é aqui concebido como um ato social, pois envolve diferentes aspectos culturais, políticos, sociais, históricos, científicos, éticos e estéticos. Não representa a criação de discípulos à “imagem e semelhança” dos formadores, mas intenciona contribuir com a constituição de sujeitos críticos, criativos e que possam realizar trocas na relação com os outros, com o conhecimento e com os demais componentes que integram a globalidade do processo formativo no lazer.

Em termos gerais, é importante destacar que a formação é ampla e autônoma em relação à universidade, indo desde a incorporação dos valores e sentimentos que estruturam a comunidade na qual vivemos, até a análise técnico-metodológica e sociopolítica da ação realizada profissionalmente: suas fronteiras diluem-se e transformam-se, pois não se restringem ao universo acadêmico. Essa tendência parece acentuar e conferir um papel cultural paralelo à universidade em relação à formação profissional no lazer. Ela não é mais o centro da cultura, mas um espaço plural que se complementa à cultura produzida na família, na igreja, na comunidade e nos meios de comunicação de massa.

Segundo SAVIANI (1996), aqueles que consideram a universidade como sendo uma instituição educativa que tem como funções básicas transmitir, conservar, criar e transformar a cultura a enxergam de modo abstrato, como algo já constituído, existente em si e por si. Enquanto instituição dinâmica, comprometida com o diálogo e com a construção coletiva do conhecimento na formação profissional, ela é produzida da mesma forma como a realidade humana em seu conjunto, englobando diferentes aspectos que constituem as malhas do seu tecido histórico. Assim, a universidade é construída simultaneamente e em ação recíproca com a produção das

condições materiais e demais formas da realidade, pois é um espaço de investimentos ideológicos, produzido como expressão do grau de desenvolvimento da sociedade como um todo.

Por essa razão, a formação profissional no lazer precisa envolver um vínculo entre a universidade e demais espaços sociais que compõem a nossa realidade e cultura, para que o acesso à reflexão teórico-prática e a saberes científicos, tecnológicos e/ou jurídicos construídos pela humanidade possa atingir seu propósito, que é desenvolver nossa capacidade de orientação em relação a diferentes objetivos e a problemas interdisciplinares, complexos e variados.

Considerando o papel da universidade na formação de profissionais para atuarem com o lazer, os horizontes delineados fundamentam-se no prisma cultural, tal como propõe CERTEAU (1995). Essa visão busca contribuições principalmente nas Ciências Humanas e Sociais, tendo em vista explorar campos de interesse dos sujeitos sociais envolvidos no processo formativo; procurar elementos para a reflexão/ação que respeitem a diversidade cultural e sejam coerentes com a realidade vivida; bem como descobrir novas fontes de pesquisa, fazendo da formação uma inesgotável fonte de curiosidade.

Formar é, assim, fecundar novas idéias e pensamentos, criar dúvidas que nos retirem de posições acomodadas, mobilizando o outro de alguma maneira. É uma maneira de nos colocarmos avessos às certezas cristalizadas, com curiosidade e desejo de saber, permitindo o aflorar do desejo do outro, para juntos construirmos o conhecimento. Com isso, mais do que difundir respostas e soluções, a formação no lazer aqui almejada busca preparar o profissional (muitas vezes já imerso no mercado de trabalho) para interrogar sobre o significado de sua ação e resolver problemas coletivamente, refletindo, assim, sobre a diversidade de práticas cotidianamente construídas e sobre as contradições que as influenciam. Afinal, “a expansão das possibilidades humanas encerra sempre contradições” (POPKEWITZ, 1992, p. 46).

Por outro lado, são as contradições que colocam em evidência a tradição dominante em nosso meio, que insiste em favorecer a contenção/padronização das diferentes culturas, ao invés de tratar os sujeitos que participam do processo de formação como portadores de memórias sociais diversificadas, com o direito de falar e de representar a si mesmos na busca de aprendizagem, de auto-determinação e de autonomia, uma vez que ainda “existem poucos exemplos de sensibilidade curricular à multiplicidade de fatores econômicos, sociais e culturais presentes na vida educacional de um/uma estudante” (GIROUX, 1995, p.98).

Outro aspecto a ser considerado relaciona-se ao conhecimento profundo da realidade em que os profissionais do lazer atuam, o que demanda uma sólida fundamentação teórico-prática e uma consistente instrumentalização técnica, política e pedagógica, que permitam o empreendimento de ações coerentes no contexto em questão. Ou seja, sujeitos que questionem a realidade, que perguntem pelo sentido de seu exercício profissional, que assumam uma atitude reflexiva face aos processos sociais e às contradições de nosso meio, fazendo do lazer não um mero produto a ser consumido, mas uma possibilidade lúdica, crítica, criativa e significativa a ser vivenciada com autonomia e muita responsabilidade.

Nesse sentido, é preciso lutar pela formação de profissionais que estejam na linha de frente de um trabalho interdisciplinar, que estejam criticamente engajados, ávidos por mudança e pela participação de todos na transformação das vivências de lazer desenvolvidas em nosso meio. Para isso, não basta concebê-los como simples agentes de mudança: os sujeitos têm de ser atores sociais, capazes de refletir sobre os limites e as possibilidades da situação na qual se encontram; analisar as contradições; identificar horizontes de manobras; suportar determinados conflitos e incertezas; correr riscos. Enfim, experimentar a possibilidade de jogar com as regras e com as imposições socioculturais mais amplas, tal como foi analisado anteriormente<sup>6</sup>.

A formação crítica e criativa no lazer assume, assim, uma certa responsabilidade nas práticas pedagógicas construídas coletivamente. Ninguém diz que basta formar os profissionais para mudar a realidade, mas a formação parece ser, conforme nos lembra PERRENOUD (1997), um meio privilegiado de ação. Ao transformar nossas próprias práticas pedagógicas no lazer, podemos contribuir para mudar as instituições, e talvez até o ser humano e a sociedade. Sem nos esquecermos, contudo, que a formação e o exercício profissional não são um meio milagroso capaz de solucionar os limites e as contradições sociais mais amplas.

A formação profissional no lazer precisa, ainda, permitir a integração de todos os tipos de saberes, numa *práxis* profissional que represente um meio de transformação das atividades de lazer alienantes. Como lembra GIROUX (1995), é fundamental a essa abordagem uma série de temas identificadores, que podem servir para organizar grupos de estudo interdisciplinares, seminários, projetos de pesquisa, de ensino e/ou extensão, programas acadêmicos teórico-práticos e

---

<sup>6</sup> TOURAINE (1995) complementa, dizendo que a noção de ator social não é separável da idéia de sujeito, pois ambos resistem conjuntamente ao individualismo exacerbado praticado na Modernidade.

trabalhos cooperativos entre docentes/discntes. Nessa perspectiva, a formação no lazer não se reduz ao domínio de habilidades ou técnicas recreativas, mas é definida como uma ação cultural que precisa “ser responsabilizada ética e politicamente pelas estórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítimas” (p. 100).

Com isso, o formar assume um sentido construtivo, que busca levar o profissional a encontrar o seu próprio caminho, a transformar-se, a evoluir, a refletir, a relacionar-se com trocas interdisciplinares enriquecedoras e significativas. Mas também existem angústias no que se refere ao inesperado e ao desconhecido, o que requer uma habilidade no manejo das diferenças e das divergências presentes não somente no lazer, mas no âmbito de todas as relações humanas. Se por um lado a formação requer autonomia, que representa uma faculdade de auto-governo, com possibilidade de fazer livremente as próprias escolhas, por outro demanda também mais responsabilidade e riscos assumidos coletivamente e, portanto, um código de ética<sup>7</sup>.

Orientado por um código de ética, o processo de formação profissional demanda uma capacidade para reconstruir e negociar uma proposta flexível com outros profissionais e, conseqüentemente, uma disponibilidade para trabalhar sobretudo em equipe. Para isso, é preciso passar pela constante atualização dos saberes teórico-práticos e construir uma identidade profissional clara, alimentada por uma cultura intelectual comum (PERRENOUD, 1997).

A identidade profissional define-se, em parte, por características mais amplas, fruto da produção social historicamente construída, mas é também uma forma de representar o exercício profissional, as suas responsabilidades, as suas metas, os seus desafios e a importância da sua contínua formação, sem deixar de lado a relação com os outros profissionais, numa busca constante pela partilha interdisciplinar dos conhecimentos e da constante superação de desafios.

---

7 A ética, segundo TUGENDHAT (1997), representa uma reflexão crítica sobre os princípios, numa incessante busca pela apreensão dos porquês, dos significados implícitos nas idéias, nos sentimentos e nas ações realizadas socialmente pelos sujeitos. A ética indaga pelo fundamento primeiro dos nossos juízos, constituindo um exercício dialético da crítica que anseia por consistência e pela construção coletiva de nossa reflexão/ação social.

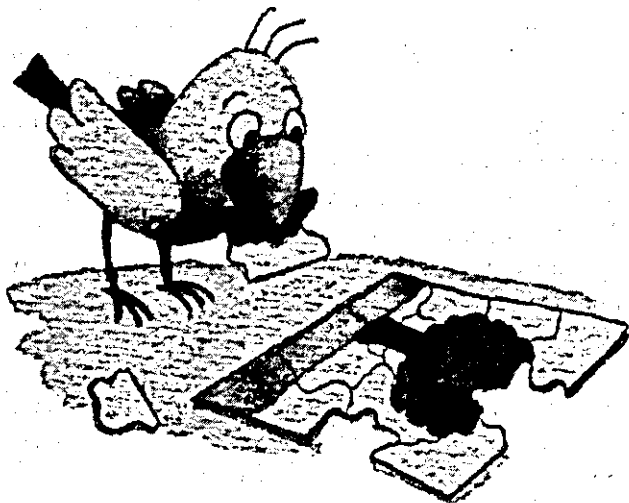
## Considerações finais: desafios à formação profissional autônoma e responsável

Sabemos que a simples denúncia e a mera crítica dos problemas que interferem na formação profissional no lazer não garantem a transformação da sociedade. Somente a luta política e o avanço qualitativo nas discussões sobre o lazer podem ser capazes de transpor esse território. Se por um lado o lazer reproduz a ideologia social capitalista, por outro pode tornar-se valioso recurso para construção de um novo bloco histórico. Para isso, é imprescindível adquirir uma compreensão mais lúcida e profunda das possibilidades e dos limites da formação profissional no lazer, ou seja, o saber genuinamente transformador, porque brotado na *práxis* (COELHO, 1982).

Uma das fundamentais finalidades da formação autônoma e responsável no lazer é preparar os sujeitos para serem cidadãos críticos/criativos, membros solidários e democráticos de uma sociedade também solidária e democrática. Uma meta como essa exige, segundo SANTOMÉ (1995), que a seleção dos conteúdos do currículo, os recursos e as cotidianas experiências de ensino e aprendizagem que caracterizam a formação, as estratégias de avaliação e os modelos organizativos possibilitem a construção de novos conhecimentos, atitudes, normas e valores necessários ao exercício consciente da cidadania. O desenvolvimento dessa responsabilidade coletiva requer que os estudantes empreendam ações capazes de prepará-los para viver e participar em sua própria comunidade tendo clareza quanto à importância da aquisição e diversificação de seu acesso aos bens culturais. Uma instituição que trabalha na direção da formação cultural do próprio profissional necessita incentivar a elaboração/realização de projetos nos quais todos se sintam impelidos a tomar decisões, a solicitar a colaboração de todos, a debater e criticar sem medo de sanções negativas por opinar e defender posturas diferentes das comumente aceitas em nossa cultura, num exercício intenso de (re)interpretação da vida social.

A formação profissional no lazer que busca autonomia e responsabilidade não está, pois, comprometida com o simples processo de transmissão de saberes, mas de nossa própria constituição enquanto sujeitos, e de nosso posicionamento no seio das diversas divisões socioculturais inscritas em nossa realidade. Além disso, as múltiplas narrativas que compõem a formação (a Racionalidade, a Moral, a Ciência, a História, dentre outras), explícita ou implicitamente, corporificam noções e tecem uma trama sobre o mundo social, seus atores e personagens, bem como sobre o conhecimento legítimo a ser difundido. Por

outro lado, as narrativas podem também ser vistas como textos abertos, “como histórias que podem ser invertidas, subvertidas, parodiadas, para contar histórias diferentes, plurais, múltiplas, histórias que se abram para a produção de identidades e subjetividades contra-hegemônicas, de oposição”, de resistência e de reconstrução de nossos papéis sociais (SILVA, 1995, p.206).



Com isso, face às considerações sobre os limites e sobre os horizontes da formação profissional no lazer empreendidas nesta reflexão, eu gostaria de finalizar trazendo mais um componente para esse diálogo: o sentido da palavra *bricolage*, enquanto desafio para a reconstrução lúdica dos papéis sociais no interior do processo formativo aqui almejado.

Segundo as análises de CERTEAU (1995), *bricolage* é um termo usado principalmente na Antropologia, e significa uma ação cuja técnica não é padronizada, uma vez adaptada aos recursos materiais disponíveis e às circunstâncias do contexto.

Representa um trabalho minucioso, cotidiano; uma fonte ilimitada de enriquecimento para aqueles que não se contentam com o simples domínio de conteúdos, uma vez que se busca despertar a criatividade no processo e também no produto construído. O *bricoleur* não age apressadamente, não se satisfaz com a padronização dos gestos e com a uniformização cultural, que visa apenas o consumo alienado dos bens produzidos e dos serviços ofertados.



O que se torna crucial na *bricolage*, acrescenta CERTEAU (1995), é o ato cultural próprio à “colagem”, a invenção de formas e de combinações, assim como os procedimentos que possibilitam a multiplicidade de composições.

Como podemos utilizar o *bricolage* na formação profissional no lazer? Quando nos esforçarmos por combinar, adaptar e criar situações pedagógicas em nossa *práxis*. Quando levarmos em conta a diversidade cultural presente na formação; quando formos capazes de escutar e olhar com mais atenção; quando passarmos a ver o oculto, o não dito, o dissimulado; quando tivermos um conhecimento mais profundo da realidade; quando soubermos relativizar as evidências do senso comum. Afinal, uma *práxis* saboreada e desenvolvida desde a formação profissional exige mais do que domínio e conteúdos e de técnicas preestabelecidas que assegurem a transmissão do saber.

Seria isso um sonho, uma utopia? Paulo FREIRE (1982) nos diz que é muito importante sonhar “sonhos possíveis”. O sonho possível exige que pensemos cotidianamente a nossa prática pedagógica, que descubramos os limites históricos da nossa própria *práxis*, ou seja, percebamos e demarquemos espaços livres a serem preenchidos e que lutemos por uma formação libertadora e não domesticadora. Segundo suas reflexões, “o critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual” (p. 99).

As utopias são sonhos sociais, e seu segredo consiste na realidade da qual são provenientes. Sua forma e sua substância não ocorrem em um campo independente da vida social. Por isso, é fundamental inventar o possível e preencher um espaço de movimentação onde possa brotar a liberdade (MANNHEIM, 1982).

Uma formação profissional no lazer que assume a liberdade como um de seus pressupostos é um exercício utópico que busca viver a unidade dialética, dinâmica e interdisciplinar entre a denúncia e o anúncio. Isso demanda visitar o amanhã, o futuro, por meio do profundo engajamento autônomo e responsável com o hoje, com o aqui e com o agora que fazemos presentes.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *A gestação do futuro*. 2.ed. Campinas, SP:Papirus, 1987.  
CANDAU, Vera M. & LELIS, Isabel A. A relação teoria-prática na formação do educador. In: CANDAU, Vera M. (Org.). *Rumo a uma nova didática*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 49-63.

- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- COELHO, Ildeu. A questão política do trabalho pedagógico. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador; vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 29-50. 1982.
- FREIRE, Paulo. Educação; o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O educador; vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. p. 89-102.
- GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 85-103.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1987.
- MELO, Victor A. & FONSECA, Ingrid F. O professor de Educação Física e sua atuação na área do lazer: relações históricas e problemas contemporâneos. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 9, 1997, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p. 648-657.
- PERRENOUD, Phillippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação; perspectivas sociológicas*. 2.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- PINTO, Leila Mirtes S. de M. A formação de educadores para o lazer. In: \_\_\_\_\_. *O lúdico e as políticas públicas: realidade e perspectivas*. Belo Horizonte: PBH/SMES, 1995. p. 70-77.
- PINTO, Leila Mirtes S. de M. et al. Graduação em Educação Física: avaliando a formação profissional. In: SOUSA, Eustáquia S. de & VAGO, Tarcísio Mauro. *Trilhas e partilhas; a Educação Física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Editora cultura, 1997. p. 191-204.
- POPKEWITZ, Thomas. A Profissionalização e formação de professores: algumas notas sobre a sua história, ideologia e potencial. In: NÓVOA, Antonio (Org.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 35-50.
- SANTOMÉ, Jurjo T. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-177.
- SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. 12. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.
- SILVA, Maria Cecília P. da. *A paixão de formar: da psicanálise à educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados.

In: \_\_\_\_. *Alienígenas na sala de aula; uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

TOURAINÉ, Alain. *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

TUGENDHAT, Ernest. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1997.

**ABSTRACT:** *Analysis concerning the leisure professional formation, starts by the discussion about its function in a modern society largely valorized nowadays. However, this importance has been associated specially by the discovery of the essence of a profitable leisure market. So, the leisure professional formation is seen as a possibility of a social and financial ascension. It's necessary a development of a interdisciplinary leisure formation with responsibility and autonomy, in order to modify this conception, making this process a genuine "bricolage", a bigger challenge for the amusing construction of social functions, inside of a desided professional formation.*

**KEY WORDS:** *Leisure, professional formation, "bricolage".*